

Centro de Estudos Baianos

THALES DE AZEVEDO

FEIRA DE SANT'ANA PASSADO E PRESENTE

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

75

Composição e Impressão – GRÁFICA EDITORA ARCO-ÍRIS
Travessa Franco Velasco, 7 - Desterro - Tels: 3-7719 – 3-2597
No Ano Comemorativo do 30º aniversário da UFBA.

f
981.42
A994
ex.3

30 de novembro de 1976

THALES DE AZEVEDO

UNIVERSIDADE DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA
BIBLIOTECA
N.º de Tombo 4264/76

FEIRA DE SANT'ANA PASSADO E PRESENTE

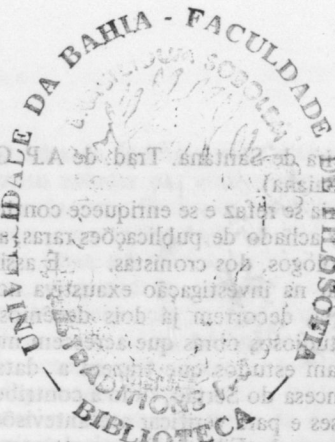
As mais das vezes, os roteiros sentimentais e turísticos, os guias e recantos memoráveis, as geografias e biografias de paisagens urbanas e de figuras de prol retratam as cidades mais velutas, mais opulentas em gêneros convencionais, mais representativas em sua arquitetura, como São Paulo, Olinda, Salvador, São Luis, Rio de Janeiro e outras mais.

Acaso Feira de Sant'Ana, como outras urbes mais jovens e menos graves em seu aspecto e em seus fastos políticos, militares, religiosos não têm direito àquele privilégio de crônicas lustrosas, de louvores e memórias? A verdade é Feira uma das que ainda mais raras que outras guardaram a sua história nas crônicas e recordações de filhos em lustros, nos folhetos de sua imprensa, nas notas de seus visitantes emigrantes, na análise de seu povo, a permitir que de tudo isso, de seu evoluir político, social, econômico e cultural pudesse um dia escrever-se uma síntese abrangente e analítica como a que lhe traçou um investigador diligente, virado de outras paragens para admirá-la. Foi a obra consagrada que lhe dedicou Rolfe E. Poppo, examinando com paciência minuciosa e longo período de

SALVADOR - BAHIA - 1976

f
981.42
A994
ex. 3

Toda correspondência deve ser dirigida à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração da UFBA. 3º pavimento - Av. Miguel Calmon S/N - Vale do Canela.



1820 a 1920. (F. de S. M. T. de A. Guimarães, Editor, Ipanema, Bahia - Coleção Brasil). Mas a história se faz e se entendeu continuamente com a descoberta de documentos, achados de publicações novas reflexões dos historiadores, dos arqueólogos, dos cronistas. Há um que desde a pesquisa de Poppino, exemplos de pesquisas exaustivas nos arquivos e na consulta à melhor bibliografia, decorrem as boas pesquisas, raras e se tornaram acessíveis aos estudiosos, que não se contentam com o que já conheciam. E se emprenderam estudos, pesquisas, mais próximas a história desta grande Princesa, a Princesa de Serião, para o qual é a esta...

FEIRA DE SANT'ANA, PASSADO E PRESENTE

THALES DE AZEVEDO

Custa realmente acrescentar alguma coisa de original e de valioso ao vivo e encantador relato que acaba de nos dar esse grande feirense que é mestre Godofredo Filho, poeta consagrado, historiador da arte, declamador alician-te que traz a Feira de antanho à nossa presença na lembrança de ancestrais seus contemporâneos da memorável visita de suas Majestades Imperiais à Princesa do Serião. Estas nossas notas são um modesto aditivo a tão saborosa peça literária e historiográfica.

Não são muitas as cidades brasileiras cuja história tem feito história. As mais das vezes, os roteiros sentimentais e turísticos, os guias de ruas e recantos memoráveis, as geografias e biografias de paisagens urbanas e de figuras de prol retratam as cidades mais vetustas, mais opulentas em glórias convencionais, mais representativas em sua arquitetura, como são Ouro Preto, Olinda, Salvador, São Luis, Rio de Janeiro e poucas mais.

Acaso Feira de Sant'Ana, como outras urbes mais jovens e menos graves em seu aspecto e em seus fastos políticos, militares, religiosos não têm direito àquele privilégio de crônicas ilustres, de louvores e memórias? Na verdade é Feira uma daquelas ainda mais raras que melhor guardaram a sua história nas crônicas e recordações de filhos seus ilustres, nas folhas de sua atenta e fiel imprensa, nas notas de seus visitantes eminentes, na tradição de seu povo, a permitir que de tudo isso, de seu evoluir político, social, urbanístico, econômico e cultural pudesse um dia escrever-se uma síntese abrangente e analítica como a que lhe traçou um investigador diligente, vindo de outras paragens para admirá-la. Essa é a obra consagrada que lhe dedicou Rollie E. Poppino, examinando com paciente minúcia o fecundo período de

1850 a 1950. (Feira de Santana. Trad. de A.P. Guimarães, Editora Itapuan, Bahia – Coleção Baiana).


Mas a história se refaz e se enriquece continuamente com a descoberta de documentos, o achado de publicações raras, as novas reflexões dos historiadores, dos sociólogos, dos cronistas. É assim que desde a pesquisa de Poppino, exemplar na investigação exaustiva nos arquivos e na consulta à melhor bibliografia, decorrem já dois decênios marcantes e se tornaram acessíveis aos estudiosos obras que crescem muito ao que já conhecemos. E se empreenderam estudos que trazem a datas mais próximas a imagem desta querida Princesa do Sertão, tudo a contribuir para o orgulho e as esperanças dos feirenses e para verificar até antevisões propícias como as que o entusiasmo amoroso de Filinto Bastos deixou à sua terra nas inspiradas **Recordações e Votos**, de 1917.

Em 1959 publicou-se, por iniciativa da Universidade da Bahia, criativamente dirigida por Edgard Santos, o precioso **Diário da Viagem ao Norte do Brasil** do Imperador Dom Pedro II, cuja visita à Feira de Sant'Ana em 1859 agora rememoramos. De outro lado a inteligente constituição da biblioteca de Frederico Edelweiss e a sua benemérita incorporação à Universidade Federal da Bahia pelo Reitor Lafayette A. Pondé, tornaram possível a consulta à obra rara de Bernardo Xavier Pinto de Souza (P.S.), **Memórias da Viagem de Suas Magestades Imperiais à Província da Bahia**, editadas em 1867. Essas são duas fontes de assinalável interesse para a história desta cidade. Escreveram-se ainda outros trabalhos sobre a vida do município e da cidade de Feira, uns de índole historiográfica, outros de caráter memorialístico e interpretativo como o de Eurico Alves Boaventura, cuja publicação é, há alguns anos empenho do Conselho Estadual de Cultura. E se empreenderam extensas pesquisas que se consubstanciam no **Plano de Desenvolvimento Local Integrado**, de 1968, e no **Plano Diretor do Centro Industrial do Subaé**, de 1971.

O exame dos dados relevantes a esta comemoração e constantes desses vários estudos levar-nos-ia mais longe do que pode pretender este intérprete do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia. Contentemo-nos em indicar algumas observações do Imperador, do cronista de sua excursão e das reminiscências de Filinto Bastos.

Dom Pedro II é um observador atento, curioso e interessado, como observa Lourenço Lacombe. Ao lado das anotações sobre pessoas e acontecimentos políticos, às vezes finamente maliciosas e indiscretas, registra dados científicos sobre os terrenos da região, sobre as lavouras e as técnicas agrícolas predominantes, sobre os progressos industriais, a economia e o comércio em desenvolvimento. Recebido nesta cidade na tarde de 6 de novembro, na mesma noite, após breve descanso, vai ao solene Te Deum na matriz, à cerimônia do recebimento das chaves da comuna na Casa da Câmara, ao beija-mão e às homenagens populares no pavilhão erguido ao ar livre, descreve suas impressões da localidade: "A população parece ser de 3 a 4 mil almas. As ruas não são calçadas, mas as duas principais, paralelas, bastante largas e bordadas de casas, algumas de sobrados e boas, têm passeios calçados. Há três igrejas, estando a matriz por acabar e três praças, não contando o campo da feira". Não se limita, porém, a descrever o sítio. Explica os papéis e as funções da nôvel cidade: "Este ponto é de grande importância

44264/76



porque por ele passam as estradas da Jacobina, do Coité e São Francisco e da Purificação, convindo muito estudar um atalho apenas explorado, que dizem encurtar 2 léguas a estrada entre Cachoeira e a Feira. . . " Vai no dia imediato ao Campo do Gado, cujo movimento era reduzido naquele dia como sucedera quarenta anos antes aos sábios germânicos Von Martius e Von Spix. Repara, entretanto, na qualidade do gado cavalariço e vacum, troca impressões com um modesto boiadeiro que lhe fala dos pastos da região e das paradas distantes de onde eram trazidos os rebanhos. Percorre também a feira de comestíveis que, na ocasião, não oferecia muito "de curioso para comprar". Feira, como se depreende de suas notas, interessa-o vivamente sob muitos aspectos, inclusive no de seus homens de destaque e atuação social como acabamos de ouvir na palavra de um eminente feirense, radicado em tronco familiar daqueles que mereceram a atenção do Monarca.

Interessante cotejar com os registros do cronista da viagem as anotações que faz o soberano sem embargo da cansaça dos atos oficiais, das visitas que recebe, do percurso dos lugares mais significativos da próspera cidade. Pinto de Souza, mais obrigado à minúcia e à exatidão – dado seu mister – não é mais arguto; é, porém, um tanto mais extenso e metódico em anotações que redige com vagar: "A Feira de Sant'Ana é uma vila populosa e comercial, que floresce a olhos vistos e virá certamente a ser um ponto importantíssimo se se realizar a utilíssima e urgente empresa projetada da via férrea de Cachoeira a S. Isabel. Tem grandes praças e ruas extensíssimas, retas na maior parte e de 80 a 120 palmos de largura duas principais". E prossegue: "Não tem grandes edifícios, mas é perfeitamente disposta, observando-se na maior parte das casas uma certa igualdade na altura que lhes dá muito realce. Está situada em uma bela e vasta planície muito arejada, e com excelente água potável. Nas segunda-feiras tem a grande feira, para a qual concorrem os produtos de todos os povoados dos arredores até muitas léguas de distância".

Por sua vez, o encantamento do egrégio feirense Filinto Bastos não é menor ao sublinhar o dinamismo comercial e as progressistas transformações de sua amada Feira, ao tempo em que desenha os perfis de vários dos seus maiores conterrâneos e de pro-homens que pela ação e pelo sentimento se fizeram cidadãos de sua urbe privilegiada: seu mestre, o Prof. Lupério Leolino Pitombo, o santo e devotadíssimo Pe. Ovídio Alves de São Boaventura, o popular e bondoso Farmacêutico José Vicente de Oliveira Mendes, o abastado e empreendedor Cel. João Pedreira de Cerqueira, embelezador desta que já se considerava a Petrópolis baiana, o prestigioso Conselheiro Franco, o humanitário e sacrificado clínico Antonio José Pereira da Silva Araujo, o prestimoso e patriota Manoel Eustáquio Rebello de Figueiredo, o poeta e tribuno Sales Barbosa e o valente polemista Libanio Ferreira de Moraes, seus amigos de mocidade, o culto facultativo Dr. Remédios Monteiro, de família indiana, pertencente à casta brâmine, e diversos outros. (1)

Esta amostra dos três registros, o do Monarca, "o mais excelso, sábio e virtuoso de todos os soberanos" nas exaltadas expressões de um editorial do jornal **Jovem Cachoeirano**, do jornalista que acompanhava suas Magestades e do grande magistrado e jurista, serve para dar apenas uma idéia do que já era e do que prometia Feira de Sant'Ana, nascida da fé dos seus campô-

nios e da sua devoção a São Domingos, à Senhora Sant'Ana e criada em torno de uma pequenina feira. Se pudéssemos recapitular minudentemente a história da Princesa do Sertão e da Cidade comercial, assim proclamada pelo Presidente da Província quando promoveu a essa categoria a antiga vila, veríamos que a fidelidade à sua vocação é o traço mais assinalável da existência e da evolução deste município e desta cidade. Mesmo quando muda e toma novos rumos, a contar de 1950 com seu espontâneo surto industrial, e sobretudo desde 1960 com o atilado planejamento de sua industrialização, conserva-se a um passo progressista, empreendedora e fiel ao seu passado de centro de piedade cristã, de núcleo de intenso comércio, de laço de entrecruzamento de estradas, de ponto de fixação e de redistribuição de populações. Ao mesmo tempo que adota estilos de vida mais "modernos", ultrapassa em dinamismo econômico outras grandes cidades do Estado e mesmo do Nordeste, a julgar pelas indicações dos estudos de planejamento industrial, a ponto de ter alcançado uma posição primacial que é um exemplo e um estímulo àquelas outras.

Parte agora para ser também e como consequência das suas altas aspirações um centro universitário promissor por muitos motivos, a que hoje, para honrar uma memória venerável, acodem o Conselho Estadual de Cultura e o Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia ao aceno simpático de Geraldo Leite, cujo nome cresce à gratidão dos feirenses e dos baianos por este seu empreendimento espiritual e material, a continuar esforços bem assentados desde 1968 por outros mestres e administradores. Aqui, pois, o que nos reúne é nada menos que o generoso sonho de Filinto Bastos no exórdio de sua inspirada conferência de 1917 no Teatro Sant'Ana, profetizando:

"Não verão talvez meus olhos, mas *vê-lo-ão* muitos de vós, sobre este soberbo planalto salubérrimo, perfumado pelos alecrins, pelas angélicas silvestres, pelas candeias de ramos olorosos, delícia das infatigáveis abelhas: pompeando fascinantes deslumbramento, em suas tardes de verão, quando na sége de púrpura, entre fulgurações indescritíveis, atirando pelo espaço, como um louco e pródigo nababo, as riquezas de pedrarias multicores, se esconde o sol nas quebradas da serra não distante; contemplando a beleza da 'magnólia do céu' em poéticas e suaves noites de luar, de inefável poesia: sim, meus senhores, meus olhos talvez não possam contemplar, mas verão muitos, com certeza, altear-se sobre este formoso planalto uma cidade rejuvenescida, movimentada, opulenta, aureolada das luzes da instrução e do saber, ostentando as jóias que lhe ofertou a natureza e que o amor da pátria, consagrado pela civilização, poliu e aperfeiçoou, para lhe realçar a beleza, esmerando-se em adorná-la carinhosamente, com extraordinária solicitude, como se o fizesse à própria "noiva do sol" (2).

Encerro estas palavras envolvendo num mesmo agradecimento cordial a Geraldo Leite, o já insigne organizador da Universidade de Feira de Sant'Ana, e a Consuelo Pondé de Sena, esclarecida diretora do Centro de Estudos Baianos da UFBA, que me comissionou com a incumbência tão grata de falar neste ato, pela oportunidade que me proporcionaram de homenagear modestamente a esta simpática e progressista cidade, na evolução do passado e no registro das realizações e das promessas do seu presente.

Feira de Sant'Ana, 22 de novembro de 1975.

- 1) *O Dr. Joaquim dos Remédios Monteiro, nascido no mar em viagem da Índia para o Brasil, de acordo com Filinto Bastos, é uma das três personalidades goesas (Custódio Luis de Miranda, de Margão, 1807-1878; Joaquim dos Remédios Monteiro, de Loutelim, 1827-1901, médicos formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; e Padre Antônio Paulo Ciriaco Fernandes, 1880-1946, professor do Seminário e do Colégio Nóbrega, educador da Juventude) às quais presta homenagem e dedica Renato de Sá, sua obra o Rio de Janeiro, Capital, espiritual do Brasil?, publicada em Goa, 1965, (Tipografia Central, Rua José Falcão, Pangim - Goa) 172 páginas. "Foram honra e lustre da tradição goesa em Terras do Brasil", diz esse autor.*
- 2) *O poeta cearense Paula Nei (1858-1897) havia apelidado Fortaleza de "noiva do sol" em um dos seus sonetos e é certamente por isto que Filinto, tendo em mente as semelhanças de clima da Feira com a capital do Ceará usou para com aquela da mesma expressão entre aspas no texto, aqui citado, da sua conferência (Informação pessoal do Prof. Raul Sá).*

